

## MULHERES LÉSBICAS GESTORAS DE ESPORTE: CONHECENDO TRAJETÓRIAS E DESAFIOS

*Eixo Temático 05 – Caminhos de Construção da Equidade no Mundo do Trabalho: Debatendo as Propostas de Gestão da Diversidade e Políticas Afirmativas*

Bruna Tassiane dos Santos Pontes<sup>1</sup>  
Victória Leizer dos Santos Hostyn<sup>2</sup>  
Mauro Myskiw<sup>3</sup>

### RESUMO

As mulheres vêm enfrentando diversos desafios para se inserirem nos cargos de liderança na gestão esportiva, este trabalho se dedica a dar visibilidade às mulheres lésbicas dentro deste universo. Tendo como objetivo conhecer quem são as mulheres lésbicas gestoras de esporte ‘localizadas’ por uma pesquisa em território nacional através de questionário *on-line*. Este, inserido na plataforma *google forms*, com distribuição nacional, tendo alcançado 130 mulheres gestoras esportivas, que responderam questões abertas e fechadas sobre escolaridade, raça/etnia, sexualidade, gênero, entre outros. Dentro dessas colaboradoras, 17 se reconhecem enquanto mulheres lésbicas, estas serviram de base para o seguinte estudo, que se utiliza dos métodos de pesquisa qualitativa descritiva e exploratória.

**Palavras-chave:** Gestão Esportiva. Questionário. Lésbicas.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [bruna.tassiane1@gmail.com](mailto:bruna.tassiane1@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [victorialeizer@gmail.com](mailto:victorialeizer@gmail.com);

<sup>3</sup> Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, [mauro.myskiw@ufrgs.br](mailto:mauro.myskiw@ufrgs.br).

## INTRODUÇÃO

Não poderia começar a escrita sem antes pontuar alguns aspectos de minha trajetória, como primeira autora, e como ela foi se aproximando das trajetórias dos demais autores. O contexto da minha experiência esportiva se dá dentro das escolas públicas, onde as quadras eram meu refúgio e posteriormente se tornaram o centro das dúvidas (dos outros) sobre minha sexualidade. Gostar de futebol fez com que meus colegas, especialmente os meninos, me vissem como alguém de gênero masculino. Por volta dos meus 13 anos, ainda sem me entender como mulher lésbica, já era taxada como tal apenas por gostar de um ‘esporte de homens’ e por estar fora da norma.

Essa vivência dentro do universo esportivo fez com que, por muito tempo, eu tivesse receio de me apresentar como lésbica, por medo de retaliações, piadas e afins. Mas, a partir da minha trajetória acadêmica-política na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pude perceber a importância de me afirmar como mulher lésbica e ocupar espaços político-acadêmicos, entre eles o da produção de conhecimentos. Nessa jornada de afirmação de existência, defendi em 2022 a monografia intitulada “Possibilidades de (in)existências lésbicas nas aulas de Educação Física: entre habilidades técnicas, expressões de gênero e formas corporais” na finalização de minha graduação. O engajamento científico me fez concorrer a uma bolsa no Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Meninas.

É nesse contexto que, contemplada com a bolsa, me insiro em atividades da pesquisa de mestrado da segunda autora deste trabalho. O estudo em questão é intitulado “Mulheres na gestão do esporte: Trajetórias e desafios da pluralidade de mulheres no enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte”. Realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano - UFRGS e tem como objetivo compreender as trajetórias e desafios de mulheres na gestão do esporte, considerando suas pluralidades e as relações disso com o enfrentamento das desigualdades de gênero. Tendo como orientador o terceiro autor deste texto que também é coordenador do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física, ao qual fazemos parte.

Essa investigação parte de um lugar político-acadêmico de que os movimentos feministas e as organizações de mulheres vêm reivindicando seus direitos a respeito de suas existências e corpos, o que passa pela produção de conhecimentos científicos. No universo esportivo brasileiro essa luta ganha sentido nas lutas contra arbitrariedades históricas. Uma das principais evidências disso foi a limitação da prática esportiva por mulheres instituída pelo Decreto-Lei 3.199 de 1941, que, no caso da modalidade de futebol, sendo revogada em 1979. Isso, porém, não significou a exclusão das mulheres desse universo, pois elas desenvolviam suas práticas muitas vezes de maneira clandestina (GOELLNER, 2005).

Para a autora Goellner (2005), o mundo esportivo nunca foi um espaço acolhedor para as mulheres. Nesse universo - ainda sob o domínio de homens - onde a participação foi limitada através de mecanismos legais e arbitrariedades culturais, nos dias atuais, sublinham Sousa e Knijnik (2007), Oliveira e Teixeira (2009) e Passero *et al.* (2020), a inserção de mulheres nos lugares de gestão vem se constituindo de maneira incipiente, havendo um conjunto de violências simbólicas que as impedem de participar em cargos de decisão e liderança. E, se reconhecemos com Azevêdo (2009) o entendimento de que há uma tendência de gestores esportivos tomarem suas decisões baseadas em experiências anteriores, se torna ainda mais relevante a presença de mulheres nos cargos de gestão.

Ao mesmo tempo, em contraponto a uma perspectiva homogeneizante (GOELLNER, 2007), torna-se fundamental a compreensão de que há muitas possibilidades de ser mulher no esporte. Nesse sentido, essa pesquisa a que estou vinculada também problematiza a ausência, nos lugares de gestão, de mulheres fora dos padrões branco, cisheteronormativos e sem deficiência. Diante disso, o estudo se pergunta a respeito dos atravessamentos e interseccionalidades de marcadores como idade, sexualidade, identidade de gênero, renda, cor/raça, composição familiar, maternidade, trabalho doméstico, deficiência, formação, entre outros.

Me apropriando dos debates, me insiro na investigação interessada em conhecer quem são as mulheres lésbicas gestoras de esporte 'localizadas' por uma pesquisa em território nacional através de questionário *on-line*. Na mesma linha da pesquisa, esse objetivo aponta para a valorização das mulheres lésbicas no esporte, como pauta inserida em movimentos-coletivos feministas questionadores da heteronormatividade,

entendendo que há uma infinidade de possibilidades de ser mulher, uma delas são as mulheres lésbicas. No Brasil, inicialmente, as mulheres lésbicas não encontraram espaços dentro dos grupos feministas organizados, pois eles estavam organizados em pautas ampliadas, como fim da ditadura (LINO, 2019; SOARES, COSTA, 2012). Com a consolidação do movimento lésbico e apropriação de pautas, o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), é fundado em 1996, passando a ser o mais importante Fórum Lésbico do Brasil (LINO, 2019). Parto desse lugar, olhando para as mulheres lésbicas gestoras de esporte.

## **METODOLOGIA**

Como mencionado, este texto procura mostrar minha inserção numa pesquisa que, numa das suas fases, buscou ‘localizar’ e conhecer trajetórias mulheres gestoras de esporte no Brasil, fazendo isso de modo atento à diversidade de configurações organizacionais (nos universos do esporte espetacularizado e empresarial, mas também nas organizações informais e comunitárias; programas e projetos da administração pública ou em organizações sociais não estatais de interesse social). Não menos importante foi a atenção sobre a diversidade acerca das formas de ser mulher, tendo em vista marcadores sociais e interseccionalidades.

Para tanto foi construído um questionário com 45 questões fechadas e abertas, contando com a participação de pesquisadoras/es especialistas e de gestoras de esporte. Esse instrumento foi inserido na plataforma *GoogleForms*, e enviado/distribuído através de e-mails e redes sociais (*Instagram, Facebook, WhatsApp*). Ao mesmo tempo, para que o instrumento ‘chegasse’ nas mulheres brasileiras gestoras de esporte em distintas configurações organizacionais, foi desenvolvida a estratégia de mobilizar instituições e suas redes de contato (entidades de administração do esporte, entidades de prática esportiva, entidades científicas das áreas de esporte e lazer, e entidades de representação de municípios). Esse esforço foi desenvolvido durante 6 meses, com o retorno efetivo de 130 respostas.

O questionário contém perguntas sobre raça/etnia, também sobre sexualidade e identidade de gênero, perguntas socioeconômicas, sobre formação acadêmica, questões abertas que dão espaço para as mulheres falarem de forma mais livre sobre as suas

vivências, entre outras questões. Uma das questões do instrumento abordou a sexualidade das colaboradoras, com as seguintes possibilidades de respostas: heterossexual; homossexual; bissexual; sem declaração; não me sinto à vontade para responder; outro. Dentre o total de mulheres que responderam essa questão, 12% (17) se identificam enquanto mulheres lésbicas. Este texto retrata o exercício de análise e de compreensão dessas mulheres lésbicas na gestão de esporte, sem a pretensão de localizar como um trabalho representativo. Diferente disso, representa um esforço de investigação no espectro das pesquisas qualitativas, com uma abordagem exploratória.

## **RESULTADOS**

A partir do processo analítico dos dados as mulheres que se reconhecem como lésbicas e se autodeclaram pretas ou pardas, segundo as definições do IBGE, representam 52% (9) das colaboradoras, já as brancas representam 48% (8). Estas mulheres são naturais de quatro regiões do Brasil, exceto região Centro-Oeste. Porém 70% (13) trabalham atualmente na região Sudeste.

Ao olharmos para as respostas de perfil familiar, 100% (17) das colaboradoras se caracterizam como principais, ou frequentes responsáveis pelos afazeres domésticos. Já 70% (13) delas não têm filhos, dessas, 47% (8) dedicam mais de 5h semanais para atividades domésticas. Ao pensarmos sobre a inserção na gestão esportiva, devemos estar atentos à complexidade de fatores da ordem da construção de gênero, como revela o relato da seguinte colaboradora do estudo:

Acredito que apesar do aumento de mulheres na gestão e na prática esportiva ainda existe uma clara fronteira e barreira de gêneros nesse aspecto, assim como treinadoras. O esporte é ainda um caminho invisível para as mulheres em vários aspectos. (Gestora colaboradora da Pesquisa)

Ao aprofundar o entendimento de quem são essas mulheres quanto às questões socioeconômicas, identificamos que 64% (11) possuem renda mensal superior ou igual a 3 salários-mínimos. Em relação a mudança de rendimentos após a inserção na gestão esportiva, 70% (12) das mulheres afirmam que a renda aumentou. Quanto à manutenção financeira de seus lares, 70% (12) são as principais colaboradoras.



Dentre as mulheres lésbicas que responderam a pesquisa 94% (16) possuem ensino superior, 76% (14) possuem graduação em Educação Física, enquanto 6% (1) possui ensino superior incompleto. Quanto à Pós-Graduação, 56% (9) possuem mestrado, doutorado, especialização ou MBA. Mesmo com as atribuições acadêmicas essas mulheres passam por situações de desqualificação quanto aos seus conhecimentos. Nesse sentido, uma gestora colaboradora expressa as discriminações vividas no ambiente de trabalho, relatando da seguinte maneira a desconfiança no desenvolvimento de suas atividades: “O tempo inteiro sou questionada e tenho certeza que é pelo fato de eu ser mulher, porque quando se trata de outros homens, os questionamentos não são iguais”.

Essas mulheres estão inseridas principalmente em clubes, comitês, federações, mas para além da ocupação nestes cargos, essas mulheres desempenham outras funções laborais, 35% (6), estão ocupando cargos fora da gestão esportiva. O ingresso nesse mundo corporativo se deu através de indicações para 52% (9) e 64% (11) das colaboradoras estão inseridas na gestão do esporte há mais de 5 anos. Além disso, 64% (11) estão trabalhando, entre outras coisas, no contexto de lazeres. Essas mulheres estão exercendo suas atividades laborais com crianças, jovens e categorias de base, em 88% (15) dos casos, enquanto o com o público LGBTQIA+ representa 35% (6) e os homens e 52% (9).

## **DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como contextualizamos inicialmente, os cargos de lideranças, que ditam os rumos dos esportes têm ficado a cargo de homens, principalmente os cisgênero, brancos e heterossexuais (ZANATTA *et al.* 2008). Partindo desse entendimento, ter a oportunidade de acessar e produzir informações para se conhecer mulheres lésbicas na gestão de esporte é uma questão de enorme relevância, num caminho de construção de possibilidades de esportes mais inclusivos e diversos. Ampliam-se as condições de possibilidades para equipes LGBTQIA+, de forma a acolher as diversidades sexuais e de gênero.

Olhando para as informações produzidas através dos questionários, foi possível conhecer que essas 17 mulheres lésbicas estão desenvolvendo esforços para se

colocarem no universo da gestão de esporte (desenvolvendo trajetórias formativas, ampliando suas rendas; permanecem há mais de 5 anos). Contudo, mais significativo parece salientar que elas percebem e mencionam barreiras de gênero (são responsáveis pelos afazeres domésticos; são questionadas na gestão por serem mulheres; ocupam simultaneamente cargos fora da gestão; são 'localizadas' em espaços esportivos de crianças e jovens, o que implica uma dimensão simbólica relevante). A partir desses conhecimentos, é possível pensar que a gestão esportiva tem se apresentado como uma possibilidade muito árdua para as mulheres, sobretudo as que não se encaixam na cisheteronormatividade, visto que os esportes têm sido pensados por homens e para os homens (PASSERO *et al.*, 2020).

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Paulo Henrique. O Esporte como negócio: uma visão sobre a gestão do esporte nos dias atuais. **Revista EVS**, v. 36, n. 5, p. 929-939, 2009.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, mai./ago. 2007.

BGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Práticas de esporte e atividade física: 2015. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100364.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022.

LINO, Tayane Rogeria. Nas fissuras da história: O movimento lésbico no Brasil. **Revista Movimentação**, Dourados, MS, v.6, n.10, jan./jun. 2019.

OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza de; TEIXEIRA, Ana Paula de Oliveira. Trilhando um novo caminho: a gestão esportiva. **Revista Gênero**, v. 10, n. 1, 2009.

PASSERO, Julia Gravena *et al.* Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e 26060, 2020.

SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.



SOARES, Gilberta Santos; COSTA, Jussara Carneiro. Movimento lésbico e Movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys, Études Féministes/Estudos Feministas**, 2012.

ZANATTA, Thaís Camargos et al. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 291-304, 2018.